

Minha querida bichinha.

Desde que recebi as suas cartas a vida ficou para mim muito mais bonita. Cheguei até a revelar um tipo, o Palaninho, aos meus amigos e todos o acham genial.

Palaninho é da minha terra, de Brodowski. Palaninho é baixo, muito magro, com a cara mole e esbranquiçada pelo amarelão. Ele tem o aspecto de uma criança seca e doente - não tem expressão, mas a gente olhando para ele vê logo que é o Palaninho, por causa do bigode empoeirado e ralo, com algumas falhas. Só tem um dente. Usa umas calças brancas feitas de saco de farinha de trigo cheias de remendos escuros, de pano listrado; ainda se nota o carimbo de marca da farinha. Em baixo ele amarra as calças com palha de milho para não as sujar de lama. Não usa botina dia de semana.

Aos domingos ele vai à missa com calça feita do mesmo pano e passada a ferro ao contrário. Vai de paletó escuro listrado, com uma golinha

- - - p. 2 - - -

muito pequena e quatro botões - três pretos e um branco. Palaninho vai calçado de botinas de elástico - ele faz um buraco no lado do joanete. As calças ficam engastaiadas nas botinas. Só usa colarinho, não se ajeita com gravata.

O chapéu está como estava na loja, ele tem cuidado em não o amassar. Ele é beira "corgo" e é dono d'um sítio. Ele diz uma porção de coisas que eu não sou capaz de escrever - só sei arremedá-lo.

O Palaninho é muito engraçado; honesto por necessidade, acredita em Deus e todos os santos porque tem medo. Às vezes mente.

É casado com a Biela, uma mulher muito alta, magra e aloirada, com a cara chupada e cheia de sardas. Usa dentadura postiça que custou oitocentos mil réis; ela diz isto a todo mundo. Mal penteada e de coque. Saem do pescoço uns fios de cabelo encaracolados e sem cor. Veste uma blusa fechada até em cima e governa o Palaninho... Vim conhecer aqui o Palaninho, depois de ter visto tantos museus, tantos castelos e tanta gente civilizada... Aí no Brasil eu nunca pensei no Palaninho.

- - - p. 3 - - -

Apesar de ter sangue de gente de Florença, cidade que Romain Rolland diz: "... febril, orgulhosa... onde cada um era livre e onde cada um era tirano... onde era esplêndido viver e onde a vida era um inferno...", eu me sinto caipira. Daqui fiquei vendo melhor a minha terra - fiquei vendo Brodowski como ela é. Aqui não tenho vontade de fazer nada... Vou pintar o Palaninho, vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor. Quando comecei a pintar senti que devia fazer a minha gente e cheguei a fazer o "baile na roça".

Depois desviaram-me e comecei a tatear e a pintar tudo de cór - fiz um montão de retratos. Eu nunca tinha vontade de trabalhar e toda gente me chamava preguiçoso. Eu não tinha vontade de pintar porque me botaram dentro duma sala cheia de tapetes, com gente vestida à última moda... A paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem a gente conversou a primeira vez, não sai mais da gente... Quando eu voltar vou ver se consigo fazer a minha terra.

- - - p. 4 - - -

Uso sapatos de verniz, calça larga, e colarinho baixo e discuto Wilde mas no fundo eu ando vestido como o Palaninho e não compreendo Wilde. Tenho medo da polícia e ando sempre com os papéis em dia e tenho medo de gente que tem emprego vitalício. Tenho saudades de Brodowski - pequeninha... duzentas casas brancas de um andar só, no alto de um morro espiando para todos os lados... com a igreja sem estilo - uma torre no meio e uma pequena de cada lado, com o altar que eu fiz e Santa Cecília... Aos domingos há duas missas uma às oito e outra às onze da manhã.

Na segunda há sermão, o vigário fala contra o braço de fora e o Palaninho acha que o vigário tem razão... Às seis da tarde a banda de música vai tocar no coreto do largo da estação e na chegada do trem a música pára porque o clarinetista é também agente do correio e ele vai à estação buscar a mala...

Às oito e meia da noite a música vai para o cinema e todo o mundo o acompanha. O Palaninho às vezes fica na cidade para ir ao cinema.

- - - p. 5 - - -

Mas quase sempre ele se vai embora no intervalo. Palaninho não sabe ler, mas quando vê surgir na tela um letreiro torto, feito a mão, já sabe que é o intervalo.

Todos os anos o vigário, no dia vinte de janeiro promove a festa de São Sebastião e nomeia os festeiros:

- dois ou três negociantes e outro tanto em fazendeiros. Vem fogueteiro de fora, para os fogos de artifício. Constroem às pressas, com quatro caibros e alguns metros de fazenda as barracas de venda onde as moças mais prendadas da terra ficam vendendo as prendas que o povo oferece a São Sebastião. Há o leilão construído solidamente com alicerces.

Nesta época então os festeiros se encarregam de enfeitar a barraca fixa, o leilão com panos e papéis de seda de todas as cores. À noite, o leiloeiro que em geral é o secretário da Câmara, faz o leilão - é uma gritaria danada de crianças brincando, de cabritos, de leitões, de novinhos, de galinhas e de gente crescida falando alto: - uns cobrindo os lances dos outros. A banda

- - - p. 6 - - -

de música, em cada fim de prenda bem arrematada toda um pouco. O padre nesta hora já saiu da igreja onde terminou a reza e fica entre os grossos da terra animando a festança... De quando em quando o sacristão solta uns foguetes de lágrimas para chamar o restinho da gente que não está aí. A criançada sai correndo para apanhar o rojão... Isto tudo sucede quinze dias antes. No dia vinte então é o grande dia. Todo mundo mandou fazer roupa nova. O fogueteiro lá está desde a véspera.

Às quatro da manhã o fogueteiro acorda o povo com as vinte e uma bombas e a banda de música faz a alvorada. Os sinos da igreja repicam e toda gente sai para se confessar e para a missa. O pessoal da roça chega com as suas carruagens ou a pé. A metade da gente fica do lado de fora da igreja que não comporta todo aquele povaréu. O sacristão dá ordens aos coroinhas - uns são encarregados de

repicar o sino, outros de ajudar a missa e ajudar o fogueteiro a soltar foguetes. O coroinha do sino repica

- - - p. 7 - - -

espaçadamente o sino três vezes antes de começar a missa e na metade da missa ele repica o sino mais uma vez. No fim da última missa há o leilão com a banda de música. Os fazendeiros fortes ficam aí se disputando: - rematam com o prazer de cobrir o adversário do que mesmo para ajudar São Sebastião... O pessoal pé rapado da roça e sem importância fica sapeando o movimento e torcendo pelo dono da outra fazenda... Aos poucos vão debandando para o almoço; ficam somente o sacristão e os coroinhas tomando conta... Quatro da tarde sai a procissão. Começam a sair da igreja alguns tipos do lugar e alguns administradores de fazenda vestindo as opas vermelhas. O mestre escola vai na frente levando o crucifixo que é todo prateado e mal esculpido. O pessoal da opa vai fazendo cordão dos lados levando uns paus com velas acesas espetadas na ponta. Mais atrás vem o primeiro andor - Nossa Senhora

- - - p. 8 - - -

d'Aparecida, carregado pelos senhores distintos do lugar, sócios do Sagrado Coração de Jesus. Depois vem outro, Nossa Senhora das Dores com um enorme punhal enterrado até o cabo do lado esquerdo do peito. No meio então vem São Sebastião em tamanho natural com algumas flexas quebradas espetadas pelo corpo; este andor é carregado pelas moças sócias também do Sagrado Coração; elas trazem ao pescoço uma larga fita vermelha com um grande coração bordado preso na ponta. No fim da procissão entre São Sebastião e a banda de música, vem o vigário vestido de grande gala, com um barretezinho triangular no alto da cabeça. Os coroinhas vestidos de vermelho e de blusa branca com franjas de renda vão segurando o manto do padre. Alguns homens vão sustentando uma barraca portátil para o padre não apanhar sol. Atrás de tudo vem a música e o povo sem importância. O vigário vai rezando e a banda de música sai tocando. Muito na frente vai o fogueteiro soltando foguetes. As ruas,

- - - p. 9 - - -

antes da procissão passar estão desertas e as casas fechadas e quando a procissão passa algumas janelas se abrem e aparecem mulheres com dor d'olhos e empregadas que não puderam sair.

O sino da igreja não deixa de repicar enquanto o cortejo percorre as duas ruas da cidade. A procissão chega a ter duzentos metros de comprimento. O menino do sino de lá do alto da

Torre vai acompanhando com os olhos todos os movimentos da procissão até ela chegar na igreja. A procissão chega na hora da reza. A igreja e toda a praça ficam cheias de gente. O vigário faz o sermão na reza, falando da vida de São Sebastião e às vezes mistura com a vida de Cristo... Na saída toda gente faz elogios ao vigário... O leilão depois da reza começa a funcionar e a queimar tudo - não pode sobrar nada. Os namorados começam a ficar tristes - é aquela última noite da festa; depois

- - - p. 10 - - -

só se poderia avistar aos domingos na reza ou no largo da estação na hora da música... As últimas prendas estão sendo arrematadas, o povo vai debandando e os namorados lá estão firmes... tristes e com saudades de ontem...

A festa já passou...

Bichinha, meu bem, comecei a conversar com você às 11 horas da noite e agora estou vendo pela janela o sol - são 6 horas da manhã... Nem sei o que eu disse, meu bem. Estou muito cansado e com uma saudade grande de você. Eu estava acompanhando a procissão com você e você fugiu... que saudade... Um grande abraço cheio de todas as saudades de quem se lembre sempre sempre de você.

Portinari

só seu.